

Povos indígenas de Tirecatunga: reconhecimento da ameaça do território a partir de uma pesquisa-ação

Indigenous peoples of Tirecatunga: recognizing the threat of territory from action-research

CHAVES, Monalisa Rocha de Campos¹; SOARES, Mariana Rosa²,
MONTANARI-CORREA, Marcia Lopoldina³; DEL BEL, Haya⁴

¹ Universidade Federal de Mato Grosso, monalisardcchaves@gmail.com; ² Universidade Federal do Mato Grosso, enf.marianasoares@gmail.com; ³ Universidade Federal de Mato Grosso, marcialmontanari@gmail.com; ⁴ Universidade Federal de Mato Grosso, hayadelbel@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Contra os Agrotóxicos e Transgênicos

Resumo: A mecanização agrícola próximas a territórios Indígenas vem causando mudanças irreversíveis nos povos que ali residem, bem como a perda de práticas agroecológicas. O objetivo deste estudo foi identificar a percepção do impacto negativo das lavouras químico-mecanizadas sobre a saúde e os modos de viver dos povos do território indígena Tirecatunga, no Mato Grosso. Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada por pesquisadores(as) da Universidade Federal de Mato Grosso, indígenas e cinegrafistas, no ano de 2022. A coleta de dados, deu-se a partir de rodas de conversa, entrevistas, grupos focais e atividades manuais. Os principais impactos encontrados referem-se a falta de alimentos tradicionais, o avanço das plantações agrícolas na margem dos rios e as usinas hidrelétricas e o risco de um desastre ambiental. Conclui-se a valorização e o fortalecimento da agroecologia entre os povos indígenas são fundamentais para sua própria subsistência, bem como para preservação da diversidade socio-cultural.

Palavras-chave: cultura; modo de vida; contaminação; agrotóxico; bem viver.

Introdução

A ocupação do território de Tirecatunga (T.I) no estado de Mato Grosso, surgiu a partir das missões jesuítas, aos quais visavam a catequização dos indígenas que ali residiam, bem como, na desapropriação do território ao qual foi destinado aos grandes latifúndios, para a plantação de commodities agrícolas. Atualmente, essa terra indígena é ocupada pela miscigenação de vários povos, entre eles (Paresi, Terena, Xingu, Manoki e Nambikwara), cercada por dois rios (Buriti e Papagaio) que são rodeados por fazendas e segundo eles, cada vez mais é observado o avanço da plantação para a proximidade dos rios.

Dentro deste território, os povos indígenas vivem interligados, mas, cada aldeia tem seu modo de se comunicar, de falar, e cada um tem sua política. Ao todo o território tem uma extensão de 134 hectares onde vivem cerca de 200 pessoas. Devido às pressões da colonização, a ocupação de terras e a exploração dos recursos



naturais ocasionou um impacto significativo em seu modo de vida tradicional como consequências ao longo dos anos perderam a autonomia, a identidade cultura sendo uma das perdas mais significativas às práticas agroecológicas, muitas das aldeias do território não cultivam mais seu próprio alimento. Deste modo, objetivo desse estudo foi identificar a percepção do impacto negativo das lavouras químicas-mecanizadas sobre a saúde e os modos de viver dos povos do território indígena Tirecatinga, no Mato Grosso.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada por seis pesquisadores(as) do Núcleo de Estudos Ambientais, saúde e trabalho da UFMT, 22 indígenas do território de Tirecatinga e 3 cinegrafistas, no período entre os dias 21 e 23 de abril do ano de 2022 no município de Sapezal Mato Grosso. Foi organizada uma dinâmica eficiente da coletividade em três grupos autônomos e interdependentes. Cada grupo ficou sob a responsabilidade de dois pesquisadores(as) que trabalharam em conjunto durante os três dias de oficina, atuando a partir de rodas de conversa, entrevistas, grupos focais e atividades manuais a fim de captar as percepções sobre território, seus modos de viver e o modo como a produção acadêmica possa contribuir para o avanço da sociedade.

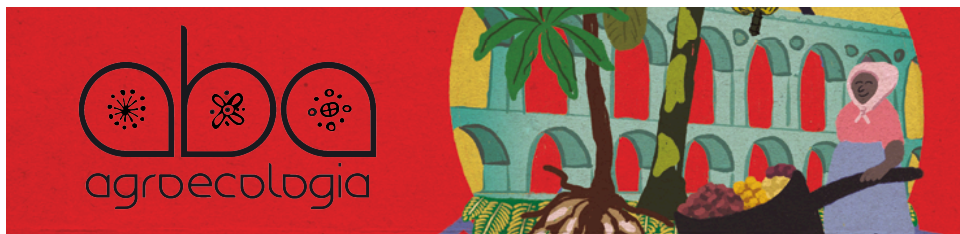
Foram realizadas entrevistas grupais, observação e videogravação, não estruturada. A pesquisa não estruturada é um método utilizado para coletar informações a partir de fontes não organizadas ou não padronizadas. Diferentemente da pesquisa estruturada, que segue um formato pré-definido e utiliza bancos de dados estruturados, a pesquisa não estruturada é mais flexível e exploratória, permitindo a descoberta de insights a partir de dados menos formatados⁽¹⁾. Todos os participantes autorizaram o uso de sua imagem e fala para fins acadêmicos.

Esse estudo faz parte de um projeto maior intitulado “Do Campo ao Corpo”, que foi submetido e aprovado no Comitê de ética em Pesquisa da CONEP com parecer nº 4.684.527 em 01 de maio de 2021.

Resultados e Discussão

Aqui, serão relatados os principais impactos ambientais e dos modos de viver no território Tirecatinga, o principal impacto observado é a produção de pequi, que caiu "mais da metade" nos últimos dois anos, e eles não podem mais contar com a receita gerada com a venda do pequi.

Murici (ou birici) eram abundantes e fáceis de encontrar, mas hoje não são mais encontrados. Eles relacionaram a redução da produção desses frutos à redução do número de abelhas mortas pela pulverização. Outro fator preocupante é o envenenamento de porcos-do-mato por fazendeiros. Muitos porcos morreram, mas a preocupação é que os que não morreram, mas ainda estão no rebanho, estão



sendo morto para alimentação, o que pode causar sérios problemas de saúde. Outros alimentos referidos também foram o mel e a carne de ema que vivem nos campos e come vários insetos contaminados, segundo relato deles, causa diarreia quando ingerido.

Outro problema de grande preocupação são as construções de hidrelétricas ao redor do T.I. Além de estarem sendo contaminados com os agrotóxicos, estão sendo ameaçados pelas instalações e ambos mencionaram sobre o medo do acontecimento de uma grande tragédia. Pois, quando abrem as comportas das usinas a água desce com muita força, suja e contaminada. Tanto no processo de fechamento da comporta no período da seca como na abertura no período da chuva afetam a dinâmica dos peixes e alteram a pesca deles.

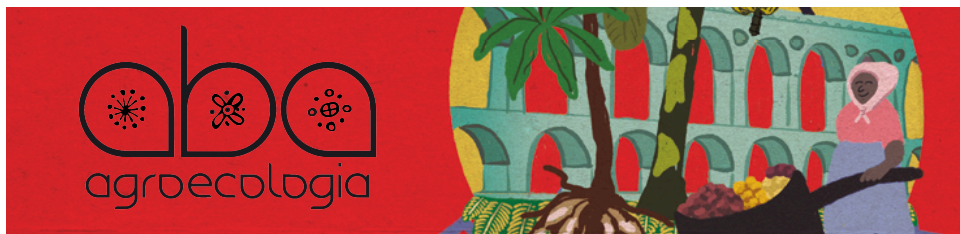
Quando olham para a divisa, para além da fronteira o que vê é lavoura a perder de vista onde é plantado milho, soja, algodão o ano inteiro. Antigamente tinha o cerrado que na época de frutas eles saíam para colher. O que se via no passado não se vê hoje e isso é motivo de tristeza “poxa vida, onde é que nós tamo hoje?”. O mato é visto somente na beira do rio e tem pouco cerradinho onde vivem. A natureza está de pé somente nesse lugar. O T.I está cercado por fazendas. As nascentes dos rios estão dentro das fazendas e o povo indígena está dentro da reserva levando “pedrada, contaminação”.

As consequências na saúde são devastadoras, pois esses produtos químicos podem afetar o organismo humano de várias maneiras. Eles podem ser absorvidos pela pele, inalados ou ingeridos através de alimentos contaminados. Estudos científicos têm investigado a possível associação entre o uso de agrotóxicos e o desenvolvimento de câncer, teratogênese, mutagênese, neurotoxicidade e outras doenças crônicas. Em se tratando de câncer, a literatura aponta uma correlação entre a exposição ocupacional e ambiental a agrotóxicos e um aumento do risco de certos tipos de câncer, em adultos e crianças, como câncer de pulmão, câncer de próstata, câncer de mama, câncer de fígado, leucemias, linfomas, entre outros (3,4,5,6,8)

A exposição crônica aos agrotóxicos é particularmente preocupante, pois muitas vezes ocorre de forma cumulativa ao longo do tempo. Agricultores, trabalhadores rurais e comunidades, como os povos indígenas de T.I, próximas a áreas agrícolas são os grupos mais vulneráveis, pois estão em contato constante com essas substâncias. No entanto, resíduos de agrotóxicos também podem estar presentes nos alimentos que consumimos diariamente, especialmente em produtos agrícolas convencionais.

Conclusões

Quando tudo era ofertado de maneira natural pela natureza não tinham preocupação com o que estavam ingerindo, ao contrário de hoje. A natureza dava livremente e de forma saudável. Hoje, diariamente é visto os aviões pulverizando agrotóxicos e cai na reserva inteira contaminando tudo e todos. A terra dava a



comida, quando precisavam de um peixe era só ir pescar. A criança após um mês era levada para nadar, plantavam frutas, raízes. Apesar disso, ainda tentam manter seus modos, lutam para serem livres.

A valorização e o fortalecimento da agroecologia entre os povos indígenas são fundamentais não apenas para sua própria subsistência, mas também para a preservação da diversidade biocultural e para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis. É necessário que sejam desenvolvidas políticas públicas que apoiem e promovam a agroecologia indígena, reconhecendo e respeitando seus direitos territoriais, seus conhecimentos ancestrais e sua contribuição para a conservação da biodiversidade e para a segurança alimentar global.

Agradecimentos

Operação Amazônia Nativa (OPAN) e aos povos do TI Tirecatinga.

Referencias

¹BELEI, R. A. et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. Cadernos de Educação, n. 30, 2008.

²DUTRA, Lidiane Silva; FERREIRA, Aldo Pacheco. Tendência de malformações congênitas e utilização de agrotóxicos em commodities: um estudo ecológico. Saúde em Debate, v. 43, p. 390-405, 2019.

³OLIVEIRA, Noemi Pereira et al. Malformações congênitas em municípios de grande utilização de agrotóxicos em Mato Grosso, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 4123-4130, 2014.

⁴PIGNATI, Wanderlei Antonio et al. Distribuição espacial do uso de agrotóxicos no Brasil: uma ferramenta para a Vigilância em Saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, p. 3281-3293, 2017.

⁵PIGNATI, Wanderlei Antonio; CALHEIROS, Débora Fernandes. O modelo de (des)envolvimento agrícola em Mato Grosso e os impactos dos agrotóxicos na saúde ambiental e humana. Poluição, p. 165, 2018.

⁶RIGOTTO, Raquel Maria et al. Tendências de agravos crônicos à saúde associados a agrotóxicos em região de fruticultura no Ceará, Brasil. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 16, p. 763-773, 2013.

⁷SOARES, Mariana, Rosa; CORRÊA, Marcia, Leopoldina Montanari; PIGNATI, Wanderlei, Antonio. Distribuição espacial da mortalidade por câncer infanto-juvenil e do uso de agrotóxicos no Mato Grosso, Brasil. Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 2, 2020.